

Plantas medicinais, povos quilombolas, indígenas e tradicionais: a pesquisa etnobotânica sobre o Tocantins, Brasil

Marcos Felipe Gonçalves Maia^{1*}, Rodney Haulien Oliveira Viana²

¹Universidade Federal do Tocantins, Quadra 109 norte, avenida NS 9, 77001-090, Palmas, Brasil

²Universidade Federal do Tocantins, Jardim dos Ipês, s/n, 77500-000, Porto Nacional, Brasil

*Autor para Correspondência marcosmaia@uft.edu.br

RESUMO: Este texto objetiva compreender as pesquisas etnobotânicas que possuem o Estado do Tocantins como delimitação geográfica. Pesquisa qualitativa com ferramentas da pesquisa bibliográfica com subsídios metodológicos da análise de conteúdo. Traz onze textos: dois trabalhos de conclusão de curso de graduação, seis artigos de periódicos e três dissertações de mestrado. Os temas abordados foram farmacologia e plantas medicinais, levantamento florístico e metodologia pedagógica para o ensino de botânica. Conclui afirmando que a pesquisa etnobotânica sobre o Tocantins trás estudos com plantas medicinais, além de levantamentos de usos e é feita, em sua maioria, por pesquisadores ou órgãos de pesquisas externos a este Estado.

Palavras-chave: Etnobiologia, Botânica econômica, Pesquisa bibliográfica

ABSTRACT: Medicinal plants, quilombolas, indigenous and traditional peoples: the ethnobotanical research over Tocantins, Brazil. This paper aims to comprehend the ethnobotanical research that possesses the State of Tocantins, Brazil, as a geographical delimitation. It is a bibliographical search with methodological subsidies of content analysis. It brings eleven texts: two graduation papers, six journal articles and three master's dissertations. The topics addressed were pharmacology and medicinal plants, floristic survey and pedagogical methodology for the teaching of botany. It concludes by stating that ethnobotanical research over Tocantins brings uses of medicinal plants, search for general uses, is still incipient and is mostly done by researchers or research agencies external to this State.

Keywords: Ethnobiology, Economic botany, Bibliographic research

INTRODUÇÃO

Etnobotânica é uma prática humana antiga, porém recente enquanto metodologia de pesquisa; esse termo surgiu em 1896, desde então vem se caracterizando pela interdisciplinaridade (Hamilton et al. 2003; Oliveira et al. 2009). Podem ser encontrados estudos etnobotânicos com achados arqueológicos, tais como do povo teotihuacano no México (Vázquez-Alonso et al. 2014); Etnobotânica de canções populares da região de Castilha e León, na Espanha (Herrero e Cardaño 2015); plantas medicinais de diversas comunidades, tais como o estudo feito com as comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, no Amazonas (Vásquez et al. 2014). Em todos, podem ser percebidas as relações dos seres humanos com as plantas e suas inúmeras atribuições de usos, sentidos e significados.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a produção etnobotânica que possui o Estado do Tocantins como delimitação geográfica.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi realizada com recursos de análise de conteúdo. Esta ferramenta metodológica visa conquistar indicadores (quanti e qualitativos) por meio de procedimentos metódicos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens; esses indicadores permitem a inferência de informações e conhecimentos concernentes àquelas mensagens (Bardin 2009).

Realizou-se pesquisa bibliográfica entre os dias 26 de dezembro de 2016 e 18 de março de 2017. Foram realizadas buscas no Portal de Periódicos da CAPES, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT), CrossRef e Catálogo *online* das bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foram utilizadas diversas estratégias de buscas com descritores tais como “etnobotânica”, “etnobotânica + Tocantins”, “etnobotânica + (Karajá, Javaé, Xambioá, Xerente, Krahô, Krahô-Kanela, Apinayé, Apinajé, Akwê-

Recebido para publicação em 28/08/2017

Aceito para publicação em 14/12/2021

Data de publicação em 10/01/2022

ISSN 1983-084X

© 2019 *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*/Brazilian Journal of Medicinal Plants.

This is an open access article under the CC BY-NC-ND license

(<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Xerente)¹". Essas mesmas estratégias de busca e recuperação da informação também foram realizadas em espanhol e inglês.

Nessas buscas foram recuperados 28 documentos. Destes somente 11 tratavam exatamente do nosso escopo de pesquisa, a saber, a pesquisa etnobotânica que teve o Tocantins, seu espaço geográfico, seu povo e sua cultura como objeto de estudo. Estes trabalhos estão assim distribuídos: dois trabalhos de conclusão de curso de graduação, seis artigos em periódicos nacionais e internacionais e três dissertações de mestrado em Ciências do Ambiente. Não se realizou levantamento de livros e/ou capítulos de livros nem da literatura cinzenta².

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos onze trabalhos aqui apresentados podemos identificar três grandes grupos temáticos, porém não necessariamente homogêneos: estudos de plantas medicinais (Rodrigues e Carlini, 2005, 2006; Colares 2007; Rodrigues 2007; Silva 2011; Campos 2013), levantamento de plantas e seus respectivos usos (Nascimento et al. 2009; Queiróz 2007; Rocha-Coelho 2009; Nascimento 2010) e um estudo sobre atividade econômica do capim dourado [*Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland] (Schmidt et al. 2007). Dessa forma, pode-se perceber uma maior incidência de estudos farmacológicos/plantas medicinais na etnobotânica tocantinense, seguidos de estudos descritivos de usos. Essa é uma característica da pesquisa etnobotânica no Brasil e na América Latina (Oliveira et al. 2009).

Rodrigues (2007) coletou 366 plantas em três comunidades: Caboclos da Amazônia, Índios Krahô do Tocantins e Quilombolas do Mato Grosso. Dentre essas plantas coletadas, 57 tinham alguma característica considerada de uso restrito por serem abortivas, contraceptivas, tóxicas, dentre outras características. A pesquisa trás a visão da comunidade que afirma ser mais importante saber sobre a toxicidade de uma planta do que seu caráter curativo. Afirma que o processo de compreensão da toxicidade das plantas é dinâmico e complexo não sendo um juntar de conhecimentos que somente alguns são donos, antes, esse saber é difundido e divulgado para toda a comunidade, pois algumas plantas podem matar.

Em outro estudo, ainda sobre o povo Krahô, Rodrigues & Carlini (2005) identificaram 255 plantas utilizadas em todo tipo de doença. Dessas, 145 foram indicadas por mais de um *wajaca* (curandeiro). No total foram identificadas 108 plantas capazes de atuar

sobre o sistema nervoso central. Todas as espécies identificadas são nativas do Brasil e são usadas pelos Krahô para 50 tipos diferentes de situações/enfermidades. As categorias de usos são: tônico, analgesia, alucinógeno, febre, controle de peso, doenças da cabeça, relações sociais, ansiolíticos, desordens do sono, apoio ao sistema imunológico, modificadores de pensamento, antidepressivos/estimulantes, depurativos, melhoradores de memória. Os krahô possuem fórmulas de uso das plantas, bem como doses requeridas para cada tipo de situação. Concluem as autoras afirmando que o bioma Cerrado, bem como a Amazônia, possui potencial para o desenvolvimento de novas drogas psicoativas. A correlação entre achados fitoquímicos e fitofarmacológicos que coincidem com os saberes dos krahô indicam que mais pesquisas precisam ser feitas. Em estudo posterior (Rodrigues e Carlini 2006) as mesmas autoras comparam esses dados do povo Krahô com as plantas utilizadas por quilombolas do Mato Grosso. Destacam que, embora ambos os povos vivam no bioma Cerrado, existindo uma aproximação na disponibilidade das plantas, cada comunidade utilizava plantas de espécies diferentes em suas terapêuticas. Trazem a informação de que tanto para os Krahô, quanto para os Quilombolas do Mato Grosso, a doutrina das assinaturas de Paracelso está presente, por exemplo, uma planta com aparelhos reprodutores visíveis são usados por essas comunidades para atuar na sexualidade e no casamento. Essa correlação entre elementos metafóricos das plantas e do corpo humano também são percebidos em outras sociedades tais como povos da Índia ou da África, por exemplo (Rodrigues e Carlini 2006).

A pesquisa de Colares (2007) testou *in vitro* a eficácia antiofídica da planta *Galactia glaucescens* Kunth (Fabaceae) selecionada com base em um levantamento etnobotânico realizado por Santos et al. (2006) na comunidade de remanescentes de negros Barra D'Aroeira, município de Santa Tereza, TO. Os resultados validam cientificamente o uso tradicional da planta e ressaltam que a grande diversidade de espécies vegetais existente no bioma Cerrado impõe destaque para o grande potencial de moléculas biologicamente ativas de interesse para a humanidade, especialmente no campo medicinal.

Silva (2011) realizou estudo de etnobotânica medicinal com hipertensos dos municípios de Gurupi, Formoso do Araguaia e Figueirópolis. Seu objetivo foi reunir informações sobre o saber popular e utilização medicinal de plantas. Os sujeitos da pesquisa

¹Estes são os povos indígenas representantes do Estado do Tocantins.

²Textos que circulam nos colégios invisíveis e em eventos científicos (Población 1992).

[...] em sua maioria mulheres, cristãs, de classe econômica baixa e com menor índice de escolaridade, nas três comunidades acompanhadas, mostraram grande conhecimento sobre a prática fitoterápica. [...] O que se percebeu, contudo, foi que quanto mais próxima do desenvolvimento e da organização urbana, mais distante das práticas fitoterápicas estava a comunidade (Silva 2011, p. 60).

Essa comunidade citou 37 espécies utilizadas no combate ou tratamento de hipertensão. Finaliza afirmando a importância da fitoterapia como promoção da saúde e evidencia a “Etnobotânica como Ciência de importância singular na concepção de novas práticas e políticas de extração de recursos naturais, sobretudo nas áreas florestais, que respeite, não apenas as bases ecológicas, mas também, as sociais” (Silva 2011, p. 61).

Dessas pesquisas somente uma tratava da perspectiva do ensino de botânica a partir do olhar para os saberes tradicionais sobre plantas medicinais de alunos do ensino fundamental (Campos 2013). Esta pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Prof. Silvândira Sousa Lima localizada em Araguaína, Tocantins, no bairro Vila Couto Magalhães. Realizou entrevistas semiestruturadas com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Objetivou verificar e resgatar os conhecimentos tradicionais, o saber botânico dessa turma relativo às plantas de uso medicinal, qual a parte da planta utilizada, a forma, a indicação medicinal e o preparo dessas plantas pelos familiares e amigos desses alunos. Essa junção entre plantas medicinais, etnobotânica e a valorização dos conhecimentos populares na escola pode potencializar o interesse dos educandos na aproximação dos conhecimentos científicos (Kovalski e Obara 2013).

Percebe-se que dos trabalhos etnobotânicos de plantas medicinais que possuem o Tocantins como delimitação geográfica não trazem apenas listagem de plantas e seus usos, mas também a realidade das pessoas e até mesmo reflexões sobre a metodologia empregada nas pesquisas. Uma análise da pesquisa etnobotânica no Brasil também chegou a essa conclusão:

Em alguns casos, as publicações envolvendo plantas medicinais não traziam apenas listagem de plantas e seus respectivos usos, mas também envolviam investigações sobre padrões de uso e manejo de recursos vegetais medicinais e/ou traziam contribuições metodológicas para a área (Oliveira et al. 2009, p. 596).

Além de plantas medicinais, os estudos aqui abordados também trataram da descrição e levantamento de espécies e a identificação de seus respectivos usos.

Nascimento et al. (2009) objetivaram descrever a riqueza de espécies e os aspectos etnobotânicos, com ênfase no seu potencial de utilização em doze aldeias Krahô. Devido à riqueza de espécies encontradas no território Krahô (17 espécies, 10 gêneros) apontam a necessidade de conservação. Foram observadas seis formas de usos: alimentação, construção, medicinal, artesanato, utensílios domésticos e rituais (em ordem decrescente de número de espécies). Bacaba e buriti (*Oenocarpus distichus* Mart. e *Mauritia flexuosa* L.f.) apresentam maior diversidade de usos. Quanto à alimentação são mais utilizados na produção de bebidas e óleos de cozinha.

Outro estudo de Nascimento (2010) objetivou caracterizar a comunidade de palmeiras nativas em doze aldeias Krahô e também descrever o potencial de utilização das espécies nessas aldeias, com vistas à conservação desse grupo de plantas e a posterior manutenção desse importante conhecimento tradicional para essa etnia. Das 17 espécies, 16 possuem pelo menos mais de um uso identificado, sendo que 11 espécies tem pelo menos três usos, 4 espécies têm quatro usos e 2 espécies têm cinco usos identificados. As que possuem maior diversidade de usos são: *M. flexuosa* (buriti), *O. distichus* (bacaba) e *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. (Inajá). Foram identificados, ao todo, seis diferentes tipos de usos: alimentação e bebidas, construção, medicinal, ritual, artesanato e utensílios domésticos. As espécies mais consumidas na alimentação possuem mesocarpo com amido e óleo. Espécies mais utilizadas para artesanato: *A. maripa*, *M. flexuosa*, *Euterpe edulis* Mart. (palmito) e espécies de tucum do gênero *Astrocaryum* spp. (sementes, folhas e estipe). O povo Krahô compreendeu que o tucum dá fibras, algumas com alta tolerância ao fogo, consideradas como as mais resistentes, construindo redes e esteiras. O estudo destaca a riqueza de espécies de palmeiras no território indígena Krahô que possuem diversos usos, destacando-se dois: alimentação e construção de casas. Manejo e conservação das populações naturais devem ser feitas *in situ*, assim sugere-se levantamento das espécies das populações com urgência.

Rocha-Coelho (2009) conduziu estudo com a finalidade de realizar o levantamento etnobotânico das espécies vegetais utilizadas com fim alimentício, madeireiro e medicinal na comunidade Kalunga do Mimoso do Tocantins. Entrevistou 12 informantes entre 30 e 92 anos de idade. A descrição de cada categoria se deu desta maneira: Alimentação: Cucurbitaceae, Fabaceae e Solanaceae; Madeireiro: Fabaceae e Myrtaceae; Medicinal: *Simaba ferruginea* A. St.-Hil., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Antonia ovata* Pohl., *Senna australis* (Vell.) H.S. Irwin & Barneby, *Gossypium barbadense* L., *Siparuna guianensis*

Aubl. e *Oxalis* sp. A parte mais utilizada das plantas são as folhas. Conclui afirmando que a espécie mais importante para a comunidade é o pequi (*Caryocarpus brasiliense* Cambess.) devido à diversificação de usos (utilização dos frutos, da madeira, das folhas e flores).

Queiróz (2007) estudou a comunidade quilombola Lagoa da Pedra em Arraias. A pesquisa objetivou registrar os conhecimentos populares das pessoas em relação ao manejo, conhecimento e conservação das espécies. O grupo da comunidade conserva valores culturais característicos dos seus antepassados, o que a caracteriza enquanto uma comunidade tradicional (Diegues 2001). Utilizou-se da metodologia de história oral. Foram realizadas observações, entrevistas e pesquisa bibliográfica. Através dos relatos dos moradores foram levantadas diversas espécies de planta que provavelmente serviram de sustento às primeiras famílias. Das plantas levantadas destacaram-se os seguintes usos: medicinal, alimentar, para benzimentos (rituais espirituais) e para construções. Os entrevistados possuem um rico conhecimento sobre as plantas medicinais e conhecem as indicações terapêuticas, a preparação e o modo de utilização.

Atividade econômica foi outra vertente característica dos estudos etnobotânicos aqui em destaque. Schmidt et al. (2007) estudaram como o artesanato do capim dourado (*S. nitens*) se dá no seio de uma comunidade quilombola denominada Mumbuca. Conta-se que um grupo de índios Xerente ensinou a comunidade ainda na década de 1930. Inicialmente, seu uso era focado na decoração dos ambientes internos da própria comunidade. Hoje é a maior fonte de renda dessa comunidade. Os autores acentuam a importância econômica dessa prática cultural para as pessoas da região do Jalapão e destacam a importância do Governo do Estado na promoção dessa cultura pelo Brasil e pelo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizou-se a Etnobotânica como um estudo científico identificado enquanto tal a partir do século XIX, entretanto, suas práticas são tão antigas quanto a própria humanidade. Um estudo Etnobotânico deve-se pautar não somente pelo levantamento florístico, mas também identificação dos usos, costumes, relações simbólicas e representações sociais. Sempre na perspectiva de respeito à diversidade de saberes e de formas de conhecimentos.

As pesquisas Etnobotânicas sobre o Tocantins, destacadas por meio dos onze textos do escopo desta pesquisa, foram, em sua maioria, construídos por pessoas, departamentos e órgãos de pesquisas de fora do Estado. O que se coaduna

com o fazer etnobotânico mundo afora, onde em sua maioria os pesquisadores não são endógenos, mas estrangeiros, com exceção da América Latina.

Percebeu-se uma grande incidência de estudos farmacológicos e de levantamento florístico. Nos estudos que destacaram as terapêuticas das plantas não se buscou somente o elemento curativo, mas também a relação da comunidade com a doença/enfermidade, com as partes utilizáveis das plantas, com a dosagem, com as plantas “proibidas”, e também com o respeito e a relação simbólica de povo que está-no-mundo. Bem como se destacou a necessidade de registros e respeito à propriedade intelectual dos povos sobre seus saberes curativos em caso de produção de novas drogas.

Dos dez povos indígenas significativos do Tocantins, somente um se destacou nas pesquisas: os povos Krahô. Não foi possível encontrar uma resposta para esse fenômeno. Nem a literatura responde a essa pergunta. Este pode ser um tema para futuras pesquisas.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- Bardin L (2009) Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70. 281p.
- Campos M (2013) A etnobotânica e o ensino de botânica do ensino fundamental: possibilidades metodológicas para uma prática contextualizada. 32p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Biologia), Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, Brasil.
- Colares A (2007) Validação farmacológica da atividade antiofídica da espécie do cerrado *Galactia glaucescens* Kunth (Leguminosae). 81f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Brasil.
- Diegues AC (2001) O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: HUCITEC. 169p.
- Hamilton AC, Pei Shengji J, Kessy J, Ashiq A Khan S, Lagos-Witte S, Shinwari ZK (2003) The purposes and teaching of applied ethnobotany. Godalming, UK: WWF. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001458/145847e.pdf>. Acesso em 08 dez 2021.
- Herrero B, Cardaño, M (2015) Ethnobotany in the folksongs of Castilla y León (Spain). Bot Sci 93(2):1-12. <https://doi.org/10.17129/botsci.88>
- Kovalski M, Obara A (2013) O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. Ciênc Educ 19(4): 911-927. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132013000400009>
- Nascimento AT, Santos A, Martins R, Dias T (2009) Comunidade de palmeiras no território indígena Krahô, Tocantins, Brasil: biodiversidade e aspectos etnobotânicos. Interciencia 34(3):182-188. 0378-1844/09/03/182-07

